

NÍVEL DE DESEMPREGO

Renata De Sá Carneiro, Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira

1 –Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba – Av. Shishima Hifumi,2911 Urbanova – 12244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil – carneiro_renata@yahoo.com.br

2- Professor Assistente Doutor – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba AV. Shishima Hifumi,2911 Urbanova – 12244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil – edsonaao@universiabrasil.net

Palavras-chave: desemprego, causas e conseqüências.

Área do conhecimento: II -Ciências Sociais Aplicadas.

Resumo: O desemprego não é um problema só no Brasil ele ocorre em toda parte do mundo. No Brasil, é grande a preocupação dos trabalhadores, dos sindicatos, das autoridades e dos estudiosos de problemas sociais, a despeito de não possuir dados precisos sobre o desemprego. A verdade é que se tem, hoje, em qualquer família alguém desempregado. O desemprego causa vários problemas: para o desempregado, para a família e para o Estado. Para o cidadão desempregado e sua família, o desemprego provoca insegurança, a indignidade, aquela sensação de inutilidade para o mundo social. No nível macroeconômico, o desemprego implica um alto custo, por causa da produção que poderia ter sido efetivada.

Introdução

O desemprego é a falta, de emprego causada pelo mau funcionamento do sistema econômico. É classificada pelos economistas em quatro categorias, cada uma decorrente de uma causa diferente e com conseqüências distintas.

Na primeira categoria o desemprego friccional, é temporário, experimentado por pessoas que estão entre empregos ou que estão entrando pela primeira vez no mercado de trabalho ou voltando a ele após uma ausência. Por definição ele é de curto prazo, conseqüentemente causa poucas dificuldades às pessoas que o enfrentam;

O desemprego sazonal ocorre devido à desocupação relacionada com variações climáticas, padrões turísticos ou outros fatores sazonais. É considerado um desemprego benigno, possui curta duração é também é previsível. Esse tipo de desemprego complica a interpretação dos dados sobre desemprego, pois elevam a taxa de desemprego em alguns meses do ano e reduz em outros, mesmo quando as condições gerais da economia se mantêm inalteradas.

O desemprego estrutural que é a desocupação decorrente de descasamentos entre as habilidades dos trabalhadores e as necessidades dos empregadores ou entre a localização das duas partes. Geralmente esse problema é duradouro, de longo prazo, pois pode levar bastante tempo para que os estruturalmente desempregados encontrem trabalho, tempo para se mudarem para outra parte do país ou até para fora do país ou para adquirirem novas habilidades.

O desemprego cíclico é a desocupação causada por variações da produção no decorrer do ciclo de negócios, como exemplo, quando a economia entra em recessão e a produção total cai, a taxa de desemprego se eleva. Esse tipo de desemprego por surgir das condições da economia como um todo, causa maiores custos a sociedade do que os demais tipos de desemprego.

Quando ele ocorre, a nação gera menos produção e com isso, um ou mais grupos sociais precisa consumir menos.

Pode identificar dois tipos diferentes de custos do desemprego: os custos econômicos que podem ser medidos em termos monetários e os não econômicos cuja mensuração em dinheiro é difícil, mas que nos afeta de maneira importante.

Os custos econômicos do desemprego são resultantes do custo de oportunidade do produto perdido, ou seja, os bens e serviços que os empregados poderiam produzir se estivessem trabalhando mais não o fazem por que estão sem emprego. Esse custo é suportado pela sociedade, como por ajudas do governo, ou se o desemprego voltasse para o crime as vítimas dividiriam o ônus do desemprego.

O desemprego traz custos que vão além do produto perdido, em especial quando dura longo prazo, gera também conseqüências psicológicas e físicas. Alguns estudos identificaram que o aumento no nível do desemprego causaram sensíveis aumentos nos números de mortes causadas por ataque cardíaco, suicídios e do número de internações em prisões e hospitais psiquiátricos.

As causas do desemprego podem, ocorrer devido ao funcionamento do mercado e nos desequilíbrios no nível da demanda agregada.

O funcionamento do mercado de trabalho, para alguns economistas, é a explicação do desemprego e baseia-se no funcionamento do mesmo e, em particular, no desejo dos trabalhadores de receberem salários excessivamente elevados. Numa perspectiva clássica ou monetarista, o desemprego acima do friccional deve-se a uma política de salários inadequada. Esse desemprego é qualificado como voluntário.

O nível da demanda agregada é para os economistas keynesianos, a explicação do desemprego. Numa perspectiva Keynesiana, defende-se que o desemprego acima do friccional é involuntário, e ele ocorre porque o nível da demanda agregada é insuficiente para manter os postos de trabalhos.

Os efeitos econômicos do desemprego é uma parte importante da população ativa é provavelmente o maior problema que um grande número de países enfrenta. Os efeitos do desemprego podem ser analisados em três seguintes categorias: efeitos sobre

os desempregados, sobre os que trabalham e sobre a economia.

Os efeitos sobre os desempregados reflete no uso do seguro-desemprego está em grande parte generalizado e a grande maioria dos que não conseguem emprego podem recorrer a ele, mas nem toda a população tem acesso ao benefício. Por isso, o desemprego é o primeiro elemento determinante da pobreza. Porém, uma redução nas receitas é apenas um dos problemas, que inclusive induz a problemas sociais, tais como drogas ou suicídio.

O efeito sobre os que trabalham por um lado, os que estão empregados são obrigados a pagar parte do custo do desemprego, por meio de quotas ou impostos mais elevados.

No nível macroeconômico, o desemprego também implica um alto custo, por causa da produção que poderia ter sido efetivada. Quando o desemprego perdura, pode haver conseqüências desagradáveis para quem se vê obrigado a ficar parado. Porém, inclusive pra sociedade, é prejudicial que uma parte da população ativa encontre-se durante certo período de tempo desempregado. Os bons hábitos de trabalho e a própria produtividade potencial dos trabalhadores serão negativamente afetados.

Determinação da taxa de desemprego.

A taxa de desemprego é compreendida como a porcentagem de pessoas desocupadas em relação ao total da população ativa (os ocupados mais os desempregados), é conhecida como taxa de desemprego. Mais infelizmente metodologias diferentes levam a divergências.

A Fundação Seade-Dieese mede a proporção de desocupados em relação ao número de pessoas economicamente ativas, com base na região metropolitana de São Paulo com pesquisa domiciliar e define como desemprego aberto o de pessoas que procuram emprego e não o conseguem nos 30 dias anteriores a pesquisa, e como desemprego oculto a situação de desempregados desalentados ou que sobrevivem com trabalhos esporádicos.

O IBGE mede a proporção de desocupados em relação ao número de pessoas economicamente ativas nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro,

Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador com pesquisa domiciliar, e o conceito utilizado é considerar desempregados aqueles que procuram e não encontram emprego nos 30 dias anteriores a pesquisa.

O CAGED mede o saldo entre as admissões e dispensas de empregados sob o regime da CLT (com carteira assinada) no país todo e sua metodologia é que todas as empresas devem informar ao Ministério do Trabalho e Emprego movimentações em seu quadro de empregados. A FIESP mede o saldo entre as contratações e demissões na indústria no estado de São Paulo, com informações de 47 sindicatos patronais.

Período	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal								
	Recife			Salvador			São Paulo		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1998	9,8	9,8	9,8	10,7	11,2	10,0	6,5	6,6	6,5
1999	10,3	10,4	10,1	12,1	12,8	11,3	7,2	7,6	6,7
2000	9,4	9,4	9,5	11,6	12,3	10,8	6,6	6,5	6,6
2001	9,1	8,7	9,6	11,1	11,5	10,6	6,3	6,3	6,3
2002	9,1	8,9	9,5	11,0	11,2	10,7	6,9	6,9	7,0
2003	9,4	9,1	9,7	11,0	11,5	10,5	7,1	7,1	7,1
janeiro/2004	9,6	9,2	10,1	11,1	11,6	10,7	7,2	7,2	7,1
fevereiro/2004	9,3	8,5	10,2	11,7	12,2	11,3	7,2	7,4	7,0
março/2004	9,2	8,2	10,5	11,3	11,5	11,0	7,3	7,4	7,3
abril/2004	9,0	8,5	9,6	10,8	11,2	10,4	7,5	7,8	7,1

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Conclusão

A tabela 1 demonstra a taxa de desemprego oculto por sexo nas principais regiões metropolitanas do país e Distrito Federal 1998/2004.

Talvez a solução momentânea para o desemprego seja a requalificação profissional. Os profissionais que perdem seus postos de trabalho devem passar por

treinamentos e reciclagens. Só assim poderão encontrar outra atividade e assumir uma nova vaga no concorrido mercado de trabalho moderno.

O desempregado não pode ficar esperando nova oportunidade para ocupar a mesma vaga que ocupava antes da demissão, mesmo porque aquela vaga, ou melhor, aquela função pode deixar de existir.

Aquele que deseja voltar ao mercado de trabalho deve se reciclar, buscando uma colocação em outra área ou ramo de atividade; para isso, ele deve estar preparado. São necessários investimentos e programas de crescimento econômico e outras medidas para gerar mais empregos.

A reforma sindical e trabalhista deve ajudar também tendo como prioridade a

procura de caminhos para impor aos governantes a execução de programas de desenvolvimento que resultem em geração de empregos.

Referencias Bibliográficas

(1)<http://www.ibge.gov.br>

(2)<http://www.bacen.gov.br>

(3)<http://www.library.com.br/reforma/pg021deemprego.htm>

(4)Hall Robert E., Lieberman, Marc (2003) Macroeconomia: Princípios e Aplicações. Editora Thomson.

(5)<http://www.estadao.com.br>

(6)Silva,César Roberto Leite da; Sinclayr, Luiz.Economia e Mercado. Editora Saraiva.

(7)S Waielen, Edward; Joaquim Amadeo. Desemprego, salários e preços. Editora Rio de Janeiro.

(8)Krugman, Paul R; Obstfeld, Maurice; Laranjeira, Celina Martins Ramalho; Trad.;Madi, Maria Alejandra Caparale. Economia Internacional. Editora São Paulo – Makron Books (2001).